



**NA CONTRAMÃO DA ORDEM: MEMÓRIA, CENSURA E CONTESTAÇÃO NO
POEMA SUJO**

Alanny Silva Luz¹
José Alves Dias²

INTRODUÇÃO

O resumo ora apresentado analisa o *Poema Sujo*, do maranhense Ferreira Gullar, como uma transgressão à censura vigente durante a ditadura militar no Brasil. O exame do texto lírico, publicado em 1975, durante o exílio na Argentina, pressupõe que a narrativa seja um registro memorialístico, expresso em forma de arte, e carece de uma abordagem que contemple a concretude e a universidade dos fenômenos sociais que envolvem o criador e a criação artística.

Desde que nasceu em São Luís, na década de 30, até chegar ao Rio de Janeiro, em 1951, José de Ribamar Ferreira, o Ferreira Gullar, trabalhou como locutor da Rádio Timbira e ganhou prêmios pelas primeiras produções poéticas. Na antiga capital brasileira ganhou notoriedade com a obra *A luta corporal* e recebeu convite de Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari para juntos fundarem o Concretismo, movimento com o qual Gullar rompeu alguns anos depois, por discordar do método fenomenológico de composição utilizado.

No início dos anos 1960 foi nomeado presidente da Fundação Cultural de Brasília e, logo depois, encorpou sua atuação política no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Em 1964, filiou-se ao Partido Comunista do Brasil e fundou o Grupo de Teatro Opinião, em conjunto com vários outros intelectuais.

Após o golpe militar, o seu livro de ensaios *Cultura Posta em Questão* foi queimado juntamente com a sede da UNE, no Rio de Janeiro. Constantemente perseguido pela

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente desenvolve atividades acadêmicas ligadas à linguagem e às literaturas portuguesa e brasileira como docente no Instituto Federal do Maranhão. Endereço eletrônico: alanny.luz@ifma.edu.br

2 Doutor em História Social pela UFRJ. Atualmente é Professor Titular no Departamento de História e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: jdiashistory@gmail.com



repressão policial da ditadura, o literato decidiu-se pela clandestinidade e, posteriormente, quando a condição de “inimigo interno” no Brasil tornou-se insustentável, migrou para o exílio com passagens por Moscou Chile e Peru, até chegar à capital Argentina, em julho de 1974, onde, motivado por sua dolorosa experiência do exílio e insatisfeito com a ditadura e a censura vigentes no Brasil, escreveu o *Poema Sujo*.

Durante esse período, o Brasil estava numa ditadura imposta pelo golpe militar instaurado no ano de 1964 e os artistas eram cerceados de todas as formas que e, conforme Deonísio da Silva (2010, p. 17), os atos de censura foram “acentuados em dois períodos distintos: após a edição do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, e durante o governo do general Ernesto Geisel”. Acerca do Ministro da Justiça designado pelo presidente, o autor supracitado fala que:

seu ministro da Justiça passou à história como o maior censor do Brasil em todos os tempos: mais de 500 livros proibidos, além de centenas – e às vezes milhares – de filmes, peças de teatro, músicas, cartazes, jingles, e diversas outras produções, entendidas como artísticas e culturais, censuradas entre 1974 e 1978. (SILVA, 2010, p. 18)

Nessa conjuntura, o autor do *Poema Sujo*, já pressionado pela angústia do exílio e descrente da superação do sistema repressivo no Brasil, utilizou-se da linguagem escrita e produziu um texto poético, em gênero narrativo, com mais de cem páginas divididas em nove seções, no qual se posicionou contrário a tudo que o oprimia e aos demais brasileiros que, junto a ele, amargavam os desmandos da ditadura militar. Sentindo-se agredido pela censura, Gullar vomita obscenidades por todas as partes do texto e choca os leitores com a crueza das palavras que fizeram muitas pessoas desistirem da leitura. A composição chegou ao Brasil por meio de um áudio gravado pelo poeta Vinícius de Moraes e foi ouvida por intelectuais que, comovidos, iniciaram uma campanha que culminou com a sua volta do exílio e a publicação do livro, não obstante a censura ainda estivesse vigente.

O *Poema Sujo*, enquanto expressão de linguagem usada por Ferreira Gullar resulta da relação dialética entre o autor, a obra, as condições sociais que permeiam criação e publicação do texto e o contato do leitor com o mesmo, retroalimentando um ciclo que gera movimento em torno da obra literária e da linguagem. Apesar disso, Bakhtin (2006) diz que “A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes”. Portanto, somente no movimento dialético das condições materiais e sociais pode-se perceber a natureza criativa de Ferreira Gullar, nesse contexto.



Em vista disso, atesta-se que a censura feita pelos leitores, mesmo informal, era algo comum em virtude da linguagem obscena apresentar-se como afronta aos parâmetros linguísticos e sociais estabelecidos. Constituindo-se como vitupério, tal linguagem, ao invés de expressar seu verdadeiro sentido, choca os leitores investidos dos parâmetros conservadores da sociedade capitalista, no entanto, apesar de não passar despercebida à censura imposta pelo estado de exceção, trechos obscenos que usam analogias como “tua gengiva igual tua bocetinha que parecia sorrir ente as folhas” (GULLAR, 2008, p. 205) não foram oficialmente censurados.

Isso porque, para o retorno de Ferreira Gullar ao Brasil, houve intensa negociação e, após a sua chegada, uma forte pressão para libertá-lo de uma nova prisão. Para a explicação de tais circunstâncias, Deonísio da Silva (2010, p. 44) sugere que “nem todos foram proibidos pelos mesmos motivos, apesar de os respectivos vetos virem estribados em considerandos similares: ofensa à moral e aos bons costumes, ameaça à segurança nacional e quejandos”. Segundo o autor, a censura que o Brasil praticou não seguia padrões claros. O autor ainda defende que:

A censura começou a existir perseguindo heréticos, num mundo mítico governado por deuses; não há processo, não há defesa, bastando, no máximo, a confissão do herético. O Surgimento do Estado coincide com um deslocamento da censura e seus alvos. A transgressão troca de lugar, as ofensas não são mais aos deuses, e os novos heréticos são cientistas, políticos, filósofos e artistas. Da obsessão do Estado teocrático com as questões de poder, travestidas de questões religiosas, passamos, no Ocidente, a um Estado leigo que se diz guardião da moralidade pública, vale dizer, da ideologia da classe dominante. (SILVA, 2010, p. 49)

Compreende-se a censura como instrumento de manutenção da ordem estabelecida pela classe social dominante e nessa perspectiva, o artista que se insubordinou a tais padrões, a exemplo de Gullar, foi severamente perseguido. Silva (2010, p. 52) afirma ainda que “assim como o Estado estaria, na verdade, defendendo os interesses da classe dominante, o escritor ao romper com os limites da referida moralidade, estaria em luta clandestina contra esta classe”.

METODOLOGIA



A literatura nacional tem sido alvo de muitos estudos e, no âmbito da poesia, a maior parte deles, pressupõe a absoluta autonomia do objeto literário cuja produção está desvinculada das condições materiais às quais o poema está inserido no momento em que foi produzido.

Esta pesquisa, subsidiada pelo materialismo histórico-dialético, considera o objeto poético como resultado da totalidade universal e concreta que circundam autor que enuncia, obra e conjuntura social na qual o enunciador está inserido. Através de revisão bibliográfica acerca da teoria crítica da literatura, teoria crítica da linguagem, memória coletiva e censura, intenta-se demonstrar que a memória evocada pelo eu lírico do poema sujo reflete, no contexto de exílio, um anseio pela liberdade e, para tanto, desafia a censura com linguagem obscena e rememora em versos a liberdade das experiências vividas na coletividade de São Luís, do Maranhão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme Cândido (2000) “a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra”.

Confirmando a tese pode-se afirmar que Gullar construiu um perfeito sistema arbitrário ao escolher a linguagem obscena como forma de expressão e elaboração da narrativa poética para contestar a ditadura militar no Brasil. Ao declarar “Prego a subversão da ordem / poética, me pagam. Prego / a subversão da ordem política, / me enforcam junto ao campo de tênis dos ingleses / na avenida beira mar” (GULLAR, 2008, p. 248), o eu poético, ao ser tratado como subversivo pelo Estado de Segurança Nacional, demonstrou consciência da atividade que desenvolvia enquanto militante político.

Como resultado da insubordinação do poeta maranhense, temos um poema conhecido e lembrado, nacionalmente. A morte recente do autor, trouxe novamente para discussão o extenso poema que é, com frequência recitado e homenageado. Entre os instrumentos de difusão da narrativa no Brasil, temos o livro de memórias do mesmo autor *Rabo de Foguete*, a série *Há Muitas Noites na Noite* dirigida por Sílvio Tendler, pronunciamentos do próprio poeta em longos debates como o realizado no Festival da



Mantiqueira, em São Paulo, em 2015, entre outros que ganham força porque surgem da curiosidade e do interesse do público que continua lendo o poema mais de 40 anos depois de sua escrita.

CONCLUSÕES

O *Poema Sujo* materializa-se como ato político de resistência à ditadura militar no Brasil e faz-se ainda importante por ter escapado à censura oficial e ter sido responsável pela volta de Ferreira Gullar à terra natal que o sujeito poético evoca. Além do conteúdo histórico e político contestado pela linguagem obscena, o sujeito lírico rememora a terra natal, São Luís, com todas as suas belezas e mazelas sociais, resgata lembranças de família, amores, cultura e faz analogia entre a cidade natal e o Brasil, pátria que mesmo diante das contradições, motivou relações entre passado e presente através das memórias que o narrador rememora no texto, bem como atualiza, através do poema a possibilidade de um eu lírico em função de um “nós lírico”, representado no grupo social que viveu a mesma conjuntura política.

Palavras-chave: Memória. Linguagem. Censura. Contestação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov, 1929), **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. De Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 12^a ed. 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

GULLAR, Ferreira. Ferreira Gullar: **poesia completa e prosa** / Ferreira Gullar; organizador Antônio Carlos Secchin. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Lacerda Editores; 2008.

SILVA, Deonísio da. **Nos bastidores da censura**: sexualidade, literatura e repressão pós-64. 2. ed. rev. – Barueri, SP: Manole, 2010.